



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:



Mesa Redonda “Inclusão de Pessoas com Deficiência pelo Esporte”

ALGUNS ASPECTOS PSICODINÂMICOS DA PRÁTICA ESPORTIVA EM PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA:

QUANDO O “EU NÃO COINCIDE MAIS COM O CORPO”

Liliane Camargos

Universidade Federal de Minas Gerais

Não constituem mais novidade os ganhos trazidos pelo esporte para pessoas com deficiência. As vantagens são muitas e vão desde benefícios em sua saúde física, ativações das vias psicofarmacológicas de prazer até o resgate da convivência social. Mas, quais são os reflexos e as interações de seu psiquismo nesta ação? Quais os processos mentais, emocionais subjacentes a este comportamento?

Em certa medida podemos delimitar diferenças práticas marcantes no que tange às modalidades esportivas, se comparadas aos modos tradicionais desenvolvidos para pessoas ditas “normais”. Cada uma delas deve ser adaptada de acordo com a deficiência trabalhada e novas regras estabelecidas. No entanto, os mecanismos e os proveitos obtidos aproximam-se de processos psíquicos vivenciados por qualquer ser humano imerso em uma realidade simbólica inerente a sua estruturação. Neste trabalho apreciaremos alguns conceitos psicanalíticos que ajudam a elucidar esta discussão, tais como **narcisismo, luto e ideal de eu**.

Podemos começar com a seguinte indagação: Qual é a importância, fundadora do psiquismo e do próprio “eu”, de se investir em seu corpo? Bem, na constituição do sujeito

como tal vários momentos são sublinhados pela psicanálise. Destacaremos dois que nos interessam mais de perto neste ensaio.

Em um momento arcaico inicial teríamos o **auto-erotismo**, estágio anterior à percepção e à existência de um eu propriamente dito. Nesse instante a criança recém-nascida, como corroboram estudos da psicologia cognitiva, não tem a noção de que é um sujeito diferenciado do mundo, e sua satisfação pulsional ¹estaria dirigida para as várias zonas de prazer do “corpo” tido como fragmentado. Os objetos de sensação recompensante são os órgãos investidos de forma parcial e que, todavia, já ultrapassam o movimento autoconservativo de sobrevivência².

Na ocasião subsequente dá-se a etapa do **narcisismo primário**. Esta ocorre após uma “nova ação psíquica”, e agora temos o ego, que como imagem unificada para o bebê de seu corpo, torna-se o objeto da libido³ narcísica. Esta nova percepção de um todo, devemos enfatizar, é dada, como assegura Lacan, por um outro. É cronologicamente é mais ou menos a partir dos seis meses que a criança reconhece a si mesma como um ser distinto e separado do resto de seu ambiente circundante.

É justamente este investimento libidinal do sujeito em si mesmo que se trata de um movimento constitutivo e fundante do psiquismo. Somente após a formação deste esboço do eu teremos mais bem delineada a extensão do vínculo com o mundo externo. A partir daí surge, diga-se de passagem, a possibilidade de o homem ficar sempre basculando a direção de sua energia, ora aos objetos externos mais bem delimitados, ora voltada para si, também, como um objeto.

Esses processos, vale reafirmar, brevemente descritos, nos fazem constatar que podemos reconhecer que o sujeito pode tomar sua própria pessoa como objeto de amor. Em termos energéticos psicodinâmicos, significa dizer que a libido pode ser investida tanto no ego como um objeto, como num outro, no caso, fisicamente exterior.

Agora podemos prosseguir rumo a uma próxima indagação: qual é a relação de tudo isso com a atividade esportiva de um sujeito? Ela trabalha qual corpo? Ora, quando uma

¹ Pulsão, conceito psicanalítico, segundo Laplanche Pontalis, diz do processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética ou fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo.

² Uma criança quando mama não busca apenas saciar sua fome, por exemplo.

³ Trata-se da energia da pulsão sexual, energia psíquica.

pessoa pratica esportes ela está, de certo modo, mais uma vez dedicando-se a seu corpo, até mesmo como um objeto de investimento amoroso (narcisismo). E se comparada com a fase de formação descrita acima, identifica-se a peculiaridade de que esse organismo, via de regra, já fora constituído como um ego e, ao que tudo indica, talvez com o acréscimo de que, nessa etapa posterior a atividade física contribua para um fortalecimento dessa organização egóica.

Lançando mão deste ponto do conceito psicanalítico do narcisismo, propriamente dito, ficam mais claros os fenômenos de abstração da imagem corporal e que a desprendem dos aspectos meramente biológicos. Esta imagem é, sem dúvida, um dos alvos, mesmo inconscientemente, do trabalho esportivo. Não raro vemos um descontentamento do deficiente por sua imagem, o formato de seu corpo. O uso de instrumentos de locomoção são igualmente incômodos, seu vestuário deve ser adaptado e fugir das normas padrão. Mesmo quando falamos em deficientes visuais mais gravemente acometidos, curiosamente este ideal de imagem também ainda existe como uma imposição, por mais que o cego não tenha um acesso direto e convencional a sua representação.

Felizmente, exaltamos sua importância, o esporte pode agir como uma forma de recuperação do amor do indivíduo por sua própria imagem, em outras palavras, pelo resgate de seu narcisismo perdido. Esse narcisismo fica explícito em muitos casos, fazendo com que possamos considerar a prática desportiva como um endereçamento amoroso do sujeito por seu corpo buscando uma nova imagem. Esta ação reconfigura e reordena a relação da tão conhecida ligação entre “a mente e o corpo”.

Acabamos de mencionar a perda. Esta citação nos traz mais um elemento esclarecedor e digno de nossa breve atenção. Tal processo psíquico relevante ao qual a perda faz alusão é o luto. Será que a perda de determinada capacidade do corpo pela pessoa com deficiência pode ser pensada como incitante de um processo de luto? E quando falamos de determinada deficiência inata, ou, seja, quando a pessoa “jamais” possuía certa característica que, portanto, não poderia ter sido perdida? Certamente sim e, mais ainda, o luto significa uma operação providencial do psiquismo.

O luto pelo qual uma pessoa passa por adquirir uma deficiência é notório e peculiar. Assim como outros problemas puramente psicológicos, esse tipo de marca concreta em

seu corpo é também acompanhado de uma inscrição em seu psiquismo e que exige um trabalho de elaboração e de tradução constantes.

O luto pode ser concebido, grosso modo, como o trabalho de elaboração de uma perda, seja ela qual for. Isso se faz necessário, uma vez que tal privação está sempre atrelada a uma rede de significações que a amalgamava. A título de exemplificação podemos pensar que uma pessoa que perde sua perna não irá sofrer apenas uma privação em sua capacidade de locomoção, mas de diversas outras coisas como um modelo de beleza proeminente e predominante, uma imagem cultural de capacidade, entre outras.

Em outras palavras, perde-se um ideal, ou seja, a imagem criada pela pessoa até mesmo quando ela jamais tenha tido certa característica e a representação perfeita construída pela sociedade. O ideal do eu atingimos aqui nosso derradeiro conceito examinado neste esboço, no sentido psicanalítico utilizado por Freud, e sistematizado por Laplanche e Pontalis pode ser conceituado como sendo a “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se :“ *O eu não coincide mais com o corpo*”.

O trabalho do luto, normalmente, leva no primeiro momento a um recuo da energia libidinal do indivíduo, que a direciona para si próprio, seu mundo interno. Somente no segundo momento esta é novamente orientada aos objetos externos e à vida e seus elementos cotidianos.

Mais uma vez voltamos ao esporte com seu valor inestimável. O esporte também aqui ocupa um lugar privilegiado que favorece este tipo de trabalho mental elaborativo. Ao praticar esporte, uma pessoa é colocada em contato direto com sua deficiência, com as limitações trazidas por ela. Entretanto, concomitantemente, é tocada pela possibilidade de uma nova maneira de perceber seu corpo, de posicioná-lo frente ao mundo e, principalmente, de criar novos referenciais deslocando seu ideal de eu.

A reconstrução de um ideal pode ser estimulada pelo esporte. Isso fica evidente quando analisamos casos de pessoas que, após adquirirem certa deficiência, criam novos ideais, passam, ou continuam, a ser medalhistas na modalidade esportiva escolhida, sentem-se mais valorizadas e importantes quando se comparam com sua imagem anterior e

melhoram nitidamente sua qualidade de vida. São, outrossim, induzidas a socializar-se e recolocadas diante do outro que as acompanha, sua equipe, e que lhe darão a mediação necessária para a reconstrução de seus mundos externo-internos.

Na prática esportiva por pessoas com deficiência muitas limitações são explicitadas, mudam paradigmas e requerem adaptações nas diversas categorias. Ainda assim, o esporte é, antes de tudo, uma trama afetiva que envolve o corpo e a relação deste com o resto do mundo. O investimento em si mesmo como um ego é constitutivo e revivido pelo esporte. Além disso, constatamos este como uma atividade propiciadora do trabalho do luto por perdas vividas pelo deficiente e da reconstrução de novas referências de um Ideal de eu. Finalmente, apesar de tratarmos aqui apenas de alguns aspectos psicodinâmicos que nos saltam aos olhos no esporte, destacamos também que outros fatores, como os fenômenos grupais, por exemplo, transbordam nossa rápida abordagem e também são merecedores de uma análise da psicologia profunda em trabalhos futuros.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia. Vol XIV. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

_____ *O ego e o id. Vol XIX. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

_____ *Sobre o Narcisismo: uma introdução. Vol XIV. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição eletrônica brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, (1999). (Legível por máquina)

LACAN, Jacques. *Escritos: o estágio do espelho como formador da função do eu. 4. Ed.*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LAPLANCHE, J., e PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

MARTIN, M. B.; BUENO, s. T.. (org). *Deficiência Visual: Aspectos psicoevolutivos e educativos*. São Paulo: Santos, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

MILLER, P. H.; MILLER, S. A.; FLAVELL, J. H.. *Desevolvimento Cognitivo*. Porto Alegre, ARTMED, 1999.